

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

ANDRÉ FELICIANO GARCIA DE QUEIROZ

Al-Qaeda e Bin Laden: aspectos sobre a militância islâmica radical

4144

Uberlândia
Março/2012

S.09 (C)

ANDRÉ FELICIANO GARCIA DE QUEIROZ

Al-Qaeda e Bin Laden: aspectos sobre a militância islâmica radical

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura em História, sob a orientação do Prof. Dr. André Fabiano Voigt.

Uberlândia
Março/2012

ANDRÉ FELICIANO GARCIA DE QUEIROZ

Al-Qaeda e Bin Laden: aspectos sobre a militância islâmica radical

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. ANDRÉ FABIANO VOIGT

Prof. Dr. DEIVY FERREIRA CARNEIRO

Prof. Dr. SÉRGIO PAULO DE MORAIS

Dedico este trabalho ao meu pai, pelo exemplo de perseverança, à minha mãe e à Camila, pelo inflexível apoio, e aos meus amigos do curso de graduação, pela amizade sincera e pelos momentos de descontração.

“There's so many different worlds
So many different suns
And we have just one world
But we live in different ones”

Brothers In Arms
Dire Straits

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. CAPÍTULO I - BIN LADEN E AL-QAEDA: UMA BREVE LEITURA BIBLIOGRÁFICA	
2.1 APRESENTAÇÃO	10
2.2 LAWRENCE WRIGHT	11
2.3 JASON BURKE	15
2.4 ROHAN GUNARATNA	20
3. CAPÍTULO II – IMPERIALISMO AMERICANO, AL-QAEDA E DEMANDAS SOCIAIS ISLÂMICAS	26
4. CAPÍTULO III – EXTREMISMO ISLÂMICO E SUA REPRESENTATIVIDADE PARA ALÉM DOS MILITANTES RADICAIS	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. BIBLIOGRAFIA	42

RESUMO

A militância islâmica radical é um fenômeno social contemporâneo que pode ser mais bem compreendido se levados em consideração os principais aspectos de suas reivindicações que a impele à luta terrorista. A Al-Qaeda e sua principal liderança, Osama Bin Laden, são atualmente os representantes mais simbólicos daquele movimento, portanto compreendê-los significa aprimorar o nosso conhecimento sobre o fenômeno a que estão inseridos. Para tanto, é preciso que esteja clara a existência ali de uma combinação de dois tipos de reivindicações: sociais e existenciais. Essas formam a base do discurso de luta dessa militância, e tanto para compreendê-la quanto para combatê-la é necessário que se coloque em evidência as suas naturezas discrepantes. Conclui-se, portanto, que para a extinção das reivindicações de âmbito social é necessário a solução de contradições sociais históricas a que a maioria dos países islâmicos está inserida, e que para a extinção daquelas existenciais dificilmente haverá uma saída negociada.

Palavras-chave: Al-Qaeda; Osama Bin Laden; militância islâmica radical; imperialismo americano; reivindicações político-religiosas; representatividade terrorista; primavera árabe.

Introdução

O presente trabalho foi inspirado pela ausência por parte do curso de Graduação em História, na Universidade Federal de Uberlândia, de uma disciplina que trouxesse luz aos alunos sobre temas relativos ao terrorismo islâmico e algumas das motivações pelas quais a Al-Qaeda se empenha contra os Estados Unidos e os chamados países “ocidentais”.

Tenho ciência, entretanto, das principais causas da referida lacuna: trata-se de assuntos que se tornaram latentes há pouquíssimo tempo e é uma área de pesquisa menos expressiva nas universidades brasileiras. Dito isto, minha intenção aqui não é, de forma alguma, a de tecer uma narrativa tão detalhada quanto poderia ocorrer em uma disciplina da Universidade, mas realizar a minha contribuição com o propósito de instigar a discussão sobre o tema.

Esta monografia, portanto, está dividida em três capítulos que procuram responder, respectivamente, as seguintes indagações: Como se define e opera a Al-Qaeda? Qual a importância de fatores sociais islâmicos para as reivindicações da organização? E, quão profunda é a influência de sua visão extremista da realidade em países de maioria islâmica? Nas Considerações Finais traço um breve contraponto entre as reivindicações da organização e algumas daquelas originadas dentre as recentes manifestações populares ocorridas nos países do oriente médio e norte da África – fenômeno político comumente denominado de “Primavera Árabe”.

Capítulo I - Bin Laden e Al-Qaeda: uma breve leitura bibliográfica

Apresentação

A escrita sobre indivíduos e fenômenos sociais situados na história contemporânea apresenta uma vantagem substancial em relação aos períodos históricos anteriores: a quase certa existência de vastas e diversificadas fontes de pesquisa disponíveis para consulta. O tema deste presente trabalho é um exemplo disto.

Estudar a Al-Qaeda, Osama Bin Laden e a sua inserção na atual militância islâmica radical é uma tarefa que, depois do 11 de setembro, a existência de fontes para investigação definitivamente não foi mais um problema. Como resultado disso, os trabalhos, originados de autores respeitáveis, sobre tais temas tendem a ser naturalmente mais detalhados, consequentemente trazendo à luz interpretações diferentes – às vezes conflitantes –, mesmo todos apresentando suficiente embasamento textual.

Embora esta monografia a todo o momento se referencie aos trabalhos de diferentes autores, este primeiro capítulo está disposto de maneira distinta dos demais – daí a necessidade desta apresentação –, na intenção de manter uma segmentação por autor, expondo algumas das interpretações no que diz respeito a aspectos da Al-Qaeda julgados significativos: definição, formas de financiamento e funcionamento, relevância para a militância islâmica radical, e a importância do papel nela desempenhado por Osama Bin Laden. São questões de pouco consenso entre estudiosos do tema, e, portanto, não abordá-las como uma problemática seria subentender que se trata de pontos de discussão superados.

Portanto, o que se segue é uma exposição sobre o que foi julgado serem os aspectos mais relevantes para o entendimento da organização terrorista e de Bin Laden como seu principal líder, relatados nas obras de três escritores amplamente conhecidos por suas pesquisas *in loco* sobre o terrorismo islâmico: Lawrence Wright, em *O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9* (2007), Jason Burke, em *Al-Qaeda: A verdadeira história do radicalismo islâmico* (2007) e Rohan Gunaratna, em *Inside Al-Qaeda: global network of terror* (2003).

Ao final, é esperado que se tenha feito uma contribuição mais valiosa para o conceito do leitor sobre a organização terrorista do que poderia ocorrer no caso de uma explicação única e harmônica.

1. Lawrence Wright

A Al-Qaeda, para Lawrence Wright (2007), talvez fosse mais apropriadamente descrita como a organização terrorista liderada por Bin Laden do que propriamente idealizada por ele. O saudita seria um “patrocinador abastado, carismático e flexível”, porém “fraco como pensador político”¹. Pelos rumos tomados pela organização, o autor percebe a forte influência exercida sob Bin Laden e sob a constituição da Al-Qaeda da vertente política radical *takfiri* da militância islâmica, cujo mais notável representante era o Dr. Ayman Al-Zawahiri – um dos integrantes do que Burke classifica como o “núcleo duro da Al-Qaeda”.

Ao final da década de 1980, de volta à Arábia Saudita após a URSS se retirar de solo afegão chegando ao fim sua ocupação de nove anos no país árabe, Bin Laden agora se dedicava a reforçar um novo paradigma para a militância islâmica radical no mundo árabe. O gigante comunista havia sido fustigado, no entanto os *mujahidin* ainda teriam outro grande inimigo a combater. Porém, no ínterim da derrota soviética no Afeganistão e da reorganização da militância islâmica no país, o próprio Bin Laden demonstrara dificuldade em convencer a si mesmo de que agora o grande opressor dos muçulmanos seria os Estados Unidos – aqueles que foram os maiores responsáveis por em quarenta anos transformar a sua Arábia Saudita de um país pobre exportador de tâmaras no maior produtor e exportador de petróleo do mundo; o país de onde veio à iniciativa privada, a qual empregou seu pai, Mohammed Bin Laden, estivador iemenita que migrara para a Arábia Saudita em 1931, e que mais tarde lhe ofereceria, juntamente a outros trabalhadores locais, o treinamento e o patrocínio necessários para que começasse seu próprio negócio no ramo da construção civil; e o mais importante de seus aliados cujo aporte financeiro e suporte de inteligência na batalha contra a presença soviética no Afeganistão foram essenciais para a vitória dos *mujahidin*.

Wright nos recorda do relato do embaixador saudita nos Estados Unidos que certa vez afirmou que quando a *jihad* no Afeganistão ainda demonstrava-se incerta, Bin Laden veio até ele para agradecer pelo apoio americano: “Obrigado. Obrigado por trazer os americanos para nos ajudar a expulsar os soviéticos secularistas, ateus” (p. 173).

¹ WRIGHT, Lawrence. O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo, Cia das Letras, 2007. p. 148.

O fato é que Bin Laden, o homem tido como a principal liderança da *jihad* afegã contra os soviéticos, já considerado a mais importante figura árabe no movimento islâmico radical e agora com fama de herói em sua terra natal pela sua bravura frente à “potência atea”, no afã de manter o senso de propósito aos militantes se recorria à invasão americana no Vietnã, ao apoio dos Estados Unidos a Israel durante a intervenção no Líbano em 1982 e ao seu longo descaso quanto à causa palestina para enfim propor um “boicote a todos os produtos americanos”:

O homem que adquirira fama no combate aos soviéticos agora invocava Mahatma Gandhi, que derrubara o Império Britânico ‘boicotando seus produtos e usando trajes não ocidentais’. Ele [Bin Laden] preconizou uma campanha de relações públicas. ‘Ao vermos qualquer americano, devemos expressar nossas queixas’(…). ‘Devemos escrever para as embaixadas americanas’.²

As convicções políticas moderadas de Bin Laden frente aos Estados Unidos eram flagrantemente incompatíveis com a figura legendária do líder dos *mujahidin* afegãos, mas não passavam de um reflexo dos rumos para a *jihad* que particularmente tinha em mente. Segundo coloca Wright, o saudita desejava acima de tudo continuar a sua luta contra a União Soviética, mirando-se para as repúblicas da Ásia Central, mas também esperava combater na Caxemira e nas Filipinas. Os Estados Unidos, entretanto, não lhe pareciam um inimigo tão óbvio (p. 152).

Mas, neste momento o círculo de lideranças da *jihad* mais próximo de Bin Laden era composto por pensadores políticos e teóricos radicais importantes da guerra santa que o influenciariam politicamente de forma decisiva rumo ao recrudescimento de seus propósitos frente aos Estados Unidos e, de maneira geral, a todo governo ou indivíduo muçulmano que não considerassem devotos o suficiente.

Isso é decorrência do fato de que por conta dessa falta de endurecimento político de Bin Laden, havia ficado clara a necessidade de instruí-lo apropriadamente em prol de aprimorar sua conscientização sobre a ameaça que os novos inimigos representariam para o Islã e da premência da constituição de uma frente ampla de autodefesa. Além disso, devido à retirada das tropas invasoras, a redução do financiamento dado pelos governos americano e saudita à resistência afegã minguara os cofres dos militantes radicais: os bolsos de Bin Laden eram uma das poucas fontes de financiamento que

² WRIGHT, Lawrence. O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo, Cia das Letras, 2007. p. 172.

restara. Um relato citado por Wright demonstra de forma curiosa esse interesse de levar o saudita ao extremo do espectro político e de garantir a sua manutenção como o principal financiador da *jihad* naquele momento:

Um dos amigos próximos de Bin Laden fez-lhe uma visita em Peshawar durante esse período [da retirada das tropas soviéticas] e foi informado de que Bin Laden não estava disponível porque o “Dr. Ayman estava lhe dando uma aula de como se tornar o líder de uma organização internacional”.³

Ayman Al-Zawahiri, médico egípcio, militante islamita desde a juventude e a liderança que se firmaria como o braço direito de Bin Laden na Al-Qaeda, representava naquele momento a frente *takfiri* na constituição da organização. Trata-se de um movimento controverso e mais radical que a alternativa rival defendida por Abdullah Azzam – o proeminente clérigo palestino cujo pronunciamento, emitido em 1984 e tendo por base a jurisprudência islâmica, convocando todos os muçulmanos a iniciarem uma guerra santa contra a invasão soviética deu início ao envolvimento árabe no conflito.

Os *takfiri* – termo compreendido como “aqueles que detêm a prerrogativa de declarar a apostasia de um muçulmano” – é uma forma de fundamentalismo islâmico que acredita que toda interpretação do Islã diferente daquela deixada pelo profeta e seus companheiros próximos no século VII representa um desvio dos verdadeiros ensinamentos de Deus, sendo conseqüentemente uma forma ilegítima de islamismo. Como decorrência, encaram o emprego da violência contra outros muçulmanos como uma forma autêntica de promover a purificação do Islã pelo expurgo dos pecadores:

Os *takfiri* convenceram-se de que a salvação de toda a humanidade estava do outro lado do território moral, no que sempre havia sido o domínio certo dos condenados. Eles enfrentariam o risco para suas almas eternas por assumir a autoridade divina de decidir quem era o verdadeiro muçulmano e quem não era, quem deveria viver e quem deveria morrer.⁴

Esse movimento, precursor dos talibãs e da Al-Qaeda, é a “imagem invertida do Islã”. A sua interpretação dos textos sagrados “reverte seus princípios fundamentais,

³ WRIGHT, Lawrence. O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo, Cia das Letras, 2007. p. 150

⁴ Ibid., p. 146

mas conserva a aparência de ortodoxia. O Alcorão determina explicitamente que os muçulmanos não devem matar ninguém, exceto como punição ao homicídio⁵:

O assassino de um inocente, adverte o Alcorão, é julgado ‘como se tivesse assassinado toda a humanidade’. A matança de muçulmanos constitui delito ainda pior. Quem cometer tal ato, diz o Alcorão, descobrirá que seu ‘castigo será o inferno, onde permanecerá eternamente’⁵.

Para que se legitimasse a violência, portanto, os *takfiri* tomaram por base uma *hadith*⁶ a qual afirma que na verdade são três as exceções que autorizam o derramamento de sangue: punição ao homicídio, infidelidade conjugal e afastamento do Islã. Este último caso pela abrangência de seu significado indica a possibilidade aberta aos extremistas para que punissem com violência praticamente qualquer indivíduo que considerassem infiel, mesmo aqueles que apenas demonstrassem simpatia a causas que em outros países são consideradas fora da discussão religiosa, como, por exemplo, o direito de votar, eram vistos com desconfiança. Segundo Wright (2007, p. 145), para os *takfiri* a democracia “contrariava o Islã, por depositar nas mãos do povo a autoridade que pertence a Deus”:

Portanto, qualquer votante era um apóstata, e sua vida estava condenada. O mesmo valia para qualquer um que discordasse de sua compreensão austera do Islã – inclusive os líderes mujahidin que eles haviam apoiado abertamente, e até a população inteira do Afeganistão, considerada infiel por não ser salafista. Os novos *takfiri* se viam no direito de matar praticamente qualquer um que se opusesse a eles; na verdade, encaravam isso como um dever divino.

A Al-Qaeda se desenvolveu sob forte influência dessa corrente intransigente da militância política islâmica, representada por homens como Al-Zawahiri. A via alternativa menos radical e explicitamente oposta à carnificina islâmica fraticida encabeçada por Azzam e que antes mesmo de sua morte já estava enfraquecida dentre as lideranças da *jihad* afegã no círculo íntimo de Bin Laden, foi completamente subjugada pelos *takfiri* com o falecimento do clérigo num atentado à bomba em novembro de 1989.

⁵ WRIGHT, Lawrence. O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo, Cia das Letras, 2007. p. 144

⁶ *Hadiths* são coleções de registros que ditam os ensinamentos, as ações e o exemplo como muçulmano deixado por Maomé e tem por objetivo complementar e dar contexto às palavras do Alcorão.

A criação da organização – cujo nome para o autor é traduzido como “a base” – foi oficializada em 20 de agosto de 1988 com o objetivo de, segundo suas atas de reunião, “enaltecer a palavra de Deus, tornar sua religião vitoriosa” (p. 154). Seus desígnios seriam alcançados por meio de doutrinação ideológica, fornecimento de estrutura física e treinamento militar a voluntários muçulmanos lecionados pelos *mujahidin* afegãos e coordenados pelo núcleo da Al-Qaeda. Dentre aqueles de maior destaque, seriam selecionados os que receberiam o convite para se efetivarem como integrantes da organização. Os outros, ao final do curso, em sua grande maioria voltavam para seus países de origem e com os contatos e conhecimentos adquiridos no Afeganistão realizariam seus próprios empreendimentos terroristas em nome de Deus e da visão particular do Islã aprendida nos campos de treinamento.

2. Jason Burke

A questão do grau da ameaça terrorista atribuída a Al-Qaeda predominantemente pelo governo e a grande mídia americana após o 11 de setembro é alvo de preocupação para Jason Burke (2007). Ele aponta que após aquele fatídico dia tem-se percebido um grande esforço em representar os movimentos islâmicos radicais, apesar de tão complexos, quando não como Al-Qaeda pelo menos como ramificações da mesma; defende ainda que para um entendimento mais próximo da realidade do perigo ao qual, neste aspecto, o mundo se defronta, é preciso também pensar sobre as origens e os significados aplicados ao nome da organização antes da explosão do interesse midiático naturalmente advindo dos ataques.

A concepção de Al-Qaeda a qual o autor combate é aquela – quase caricatural e ainda assim tão comum – que a coloca como uma organização terrorista “coesa e estruturada” com centenas de militantes adeptos fiéis e bem treinados espalhados pelo mundo em células dormentes e subordinados ao comando central de Bin Laden. Para Burke, esse olhar monolítico disponível em larga escala nos meios de comunicação atesta corretamente a grave ameaça que é o fenômeno da militância islâmica radical – de fato, há um número crescente de muçulmanos espalhados pelo planeta dispostos a lançar mão de violência contra outros seres humanos em defesa de sua leitura extremista do Islã –, mas falha ao reconhecer sua multiplicidade e independência, seja a de pela

simplificação tentar tornar compreensível algo tão dinâmico, ou por razões mais clinicamente políticas. A este respeito, esclarece o autor:

Durante o outono de 2001, células da Al-Qaeda, anteriormente não detectadas, foram ‘descobertas’ numa série de países. Tashkent subitamente rotulou o Movimento Islâmico do Uzbequistão, um grupo cujos vínculos com Bin Laden são tênues, de “Al-Qaeda”. Para Pequim, os uigures muçulmanos é que foram designados como o braço local da rede de Bin Laden, apesar do fato de que a inquietação nessa região se remonta aos primeiros momentos da dominação chinesa, embora alguns indivíduos de vários grupos muçulmanos que resistem ao domínio chinês no Sudoeste do país possam, num ou noutro momento, ter passado algum tempo nos campos de treinamento afegãos. Na Macedônia, em março de 2002, oito jovens paquistaneses foram mortos a tiro pela polícia. O ministro do Interior chegou a proclamar uma vitória, bastante insípida, de seu governo na guerra contra Bin Laden. Os homens não passavam de imigrantes ilegais. Quando visitei o embaixador da Tunísia em Londres, em janeiro de 2002, me mostraram uma lista de “extremistas muçulmanos vivendo no Reino Unido e supostamente ligados a Bin Laden.” A lista compreendia dissidentes bem conhecidos, na maior parte de esquerda, que os tunisianos vinham procurando silenciar há mais de uma década.⁷

Há, portanto, casos flagrantes nos quais a ameaça é fabricada por inteiro e embora os acusadores não apresentem embasamento factual confiável, mesmo assim empreendem uma reação contraterrorista desproporcionalmente avassaladora – como o ocorrido na invasão americana no Iraque, iniciada em 2003 –, mas há também casos que se tratam de grupos realmente formados por extremistas islâmicos, os quais possivelmente já se relacionaram com a Al-Qaeda. Isso, entretanto, não os torna filiais dessa organização, nem submetem seus líderes ao comando de Bin Laden. Esta é a visão que o autor busca promover. Para ele, “atribuir a grupos locais o nome de “Al-Qaeda” é desprezar os fatores particulares que levaram à sua ascensão”:

É verdade que alguns participantes de muitos desses grupos locais podem ter tido alguma espécie de ligação, embora frequentemente muito superficial, com membros do “núcleo da Al-Qaeda”. Mas laços similares conectam quase todos os grupos e indivíduos radicais islâmicos em atuação no mundo de hoje. Grupos e indivíduos têm múltiplas associações e múltiplas frentes de apoio logístico. Mesmo no período de 1996-2001 havia muitas outras fontes de recursos financeiros, especialização e treinamento além de Bin Laden e seus colaboradores próximos. Dinheiro, por exemplo, podia ser obtido

⁷ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 34.

localmente ou de um círculo de doadores abastados do exterior. ●casionalmente, os grupos, ou alguns de seus membros, colaboravam entre si ou com Bin Laden, se achassem que isso atendia a seus propósitos. Mas, embora muitos deles possam ter visto Bin Laden como uma figura heroica que simbolizava os esforços coletivos, indivíduos e grupos tinham seus próprios líderes e suas próprias agendas, muitas vezes profundamente religiosas, que eles não subordinariam às de Bin Laden ou de seus colaboradores nem às de qualquer outro patrocinador.⁸

É interessante pensar que a despeito do espectro criado em torno do nome “Al-Qaeda” possivelmente a organização de Bin Laden nunca tenha sido assim denominada por aqueles diretamente envolvidos nela, segundo o autor. Colocando-se em direção contrária de grande parte da bibliografia sobre o tema, Burke (p. 27) recorda que, já nas vésperas do 11 de setembro, “Al-Qaeda” não parecia ser um termo familiar para um ex-*mujahid* afegão:

Em 2001, mesmo tão tarde, um ex-militante, entrevistado por uma equipe da ABC TV⁹, disse que não reconhecia o suposto nome de sua organização apesar dos oito meses que tinha passado nos campos de treinamento dirigidos por assessores de Bin Laden. Ele até encontrara ‘o xeque’ pessoalmente pelo menos uma vez. ‘Nunca ouvi dizer o nome Al-Qaeda’, afirmou.

Essa versão, evidentemente, não sugere a inexistência da organização, mas indica que muita da inteligibilidade dada a ela e em voga atualmente, pode ter sido originada dentre seus opositores políticos. Depreende-se daí que a nossa compreensão pode estar permeada de ideias que em nome de interesses específicos desfavorecem um entendimento mais concreto deste tipo de ameaça – como a noção de que o extermínio da Al-Qaeda e seus líderes dariam um fim à militância islâmica radical.

Para o autor, há mais indícios desta questão sobre o nome. O famoso manual de terrorismo e luta de guerrilhas para a *jihad* também deixa passar em branco a “Al-Qaeda”:

A Enciclopédia da *jihad*, uma compilação em 11 volumes das táticas e técnicas desse tipo de guerra moderna e do terrorismo, organizada no Paquistão entre 1991 e 1993 por veteranos da batalha contra os soviéticos, para uso em outras áreas de conflito, com certeza não menciona a “Al-Qaeda”. Em vez disso, ela faz agradecimentos a

⁸ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 30.

⁹ Entrevista veiculada em 19 de abril de 2001.

Azzam, Bin Laden e – o único grupo ou organização mencionado – ao Maktab al-Khidamat (“Escritório de Serviços”, ou MAK) de Azzam.¹⁰

Bill Clinton em reação a dois dos ataques terroristas mais desafiadores sofridos pelos Estados Unidos em sua gestão não hesitou em denunciar Bin Laden, porém novamente a “Al-Qaeda” não foi mencionada:

Logo após o duplo ataque às embaixadas norte-americanas na África oriental em 1998, o presidente Bill Clinton ordenou um ataque em retaliação, descrevendo o alvo como “a rede de grupos radicais associados e financiados por Usama (sic) bin Laden, talvez o principal organizador e financiador do terrorismo internacional na atualidade.”¹¹

Neste momento, contudo, uma inteligibilidade sobre a organização terrorista já vinha sendo cunhada. Para o autor, a definição equivocada que tenta desconstruir teria uma de suas origens no próprio FBI. Segundo ele, para obter uma condenação judicial para o saudita por conta dos ataques às embaixadas, a polícia federal americana precisaria enquadrá-lo nos termos das leis estadunidenses de combate às conspirações. Para tanto, Bin Laden deveria estar precisamente ligado ao planejamento e, como chefe militar, aos executores dos atentados. O cerco se fecharia para ele caso os investigadores conseguissem indicar a existência de uma poderosa organização criada, financiada e liderada por ele:

Essas leis se destinavam a lidar com organizações criminosas coesas e estruturadas, e não com movimentos político-religiosos dispersos e amorfos sobre os quais é muito difícil apontar a responsabilidade em um único ato. Assim, a evidência de que alguém faz parte de uma organização é extremamente útil. Infelizmente, no caso da “Al-Qaeda”, trata-se de uma representação totalmente equivocada da natureza da entidade sob investigação.¹²

“Al-Qaeda” não era uma expressão desconhecida pelas agências de segurança americanas. Seu significado, entretanto, até então não se assemelhava àquela designação dada pelo FBI. A palavra em sua origem árabe possui vários significados, como “uma base, tal como um acampamento ou um lar, um alicerce, como o que se encontra sob uma casa, ou um pedestal que sustenta uma coluna”. Além disso, também pode ser

¹⁰ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 23.

¹¹ Ibid., p. 26.

¹² Ibid., p. 26.

traduzida como “preceito, regra, princípio, máxima, fórmula, método, modelo ou padrão”¹³. As acepções utilizadas até aquele momento variavam dentre aqueles termos:

A primeira referência a algo chamado “Al-Qaeda” apareceu num relatório da CIA redigido em 1996, o qual mencionava que “em 1985, Bin Laden tinha organizado uma Frente de Salvação Islâmica, ou Al-Qaeda”, para apoiar os mujahidin no Afeganistão. Não está claro se o documento se refere a um grupo que atuava como uma “Al-Qaeda” ou que tinha esse nome. Embora o memorando, intitulado “Usama bin Laden: Financiador Islâmico Extremista”, forneça detalhes exaustivos sobre as atividades de Bin Laden até 1995, novamente não menciona a “Al-Qaeda”. (...) Só em 1997 num relatório escrito nos primeiros meses de 1998, é que o Departamento de Estado utiliza pela primeira vez o termo “Al-Qaeda”, não como um grupo organizado, mas, de forma precisa, como “um eixo operacional, predominante para extremistas sunitas de mentalidade semelhante”.¹⁴

Mas para a militância islâmica radical, qual a importância dessa organização que – independente do significado de seu nome – se tornaria conhecida como “Al-Qaeda”?

Se aquela militância é um fenômeno social amorfo, diversificado e fortemente ligado as conjunturas regionais dos países islâmicos, a organização de Bin Laden desempenhou, do fim de 1996 ao final de 2001, o papel de fortalecer o movimento dando um “foco” e relevante suporte material a muitos dos militantes que, motivados, porém dispersos, não possuíam o amparo de uma organização tão sólida quanto aquela conseguira se tornar.

Apesar de criada no final da década de 1980 e, segundo o autor, sendo durante toda a sua existência bancada principalmente por Bin Laden, o estabelecimento, em 1996, da Al-Qaeda no Afeganistão com o aval de seus anfitriões talibãs foi decisivo para que a organização conseguisse finalmente constituir uma infraestrutura de apoio aos militantes sem a severa perseguição das agências de segurança internacionais.

Sem dúvida não era a única organização terrorista estabelecida naquele país neste momento, mas o atrativo do *know-how* da equipe de lideranças experientes combinado com a possibilidade de patrocínio financeiro de Bin Laden foi um dos grandes fatores para que o influxo de militantes radicais ao Afeganistão fosse maior do que em qualquer outro momento.

¹³ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 21-2.

¹⁴ Ibid., p. 25.

Entretanto, afirmar que neste período a procura dos militantes islâmicos radicais pela Al-Qaeda era grande é diferente de supor que aqueles que a buscavam o faziam na intenção de lutarem sob sua bandeira. Embora de fato houvesse adesões à organização, grande parte dos indivíduos ali presentes já se dedicava a este tipo de militância e ou já faziam parte de outras organizações ou fizeram a opção de atuarem por conta própria tendo seus objetivos particulares em mente. O que buscavam ali era, de maneira geral, o conhecimento técnico, a inspiração do contato com algumas das figuras heroicas da luta contra os soviéticos e um cobiçado patrocínio para suas próprias empreitadas.

No que diz respeito ao financiamento de conspirações terroristas, em uma útil analogia Burke relaciona a forma de operação da organização com a de uma “empresa capitalista de risco”: dentre uma série de projetos apresentados, na esperança de que fossem proveitosos seriam escolhidos aqueles que receberiam o patrocínio necessário. O julgamento caberia aos militantes experientes integrantes do núcleo da Al-Qaeda.

Torna-se mais visível, portanto, como, para Burke, a Al-Qaeda é apenas uma peça – que teve sua importância em um período específico – no fenômeno amplo que é a militância islâmica radical. Exterminar seus líderes, destruir seus campos de treinamento e secar suas fontes de financiamento significa derrubar poucas peças neste complexo tabuleiro. Sua conclusão central é a de que resumir em “Al-Qaeda” a grave ameaça que é aquele movimento é dar a falsa sensação de segurança de que esse problema possa ser cirurgicamente delineado.

3. Rohan Gunaratna

Em uma obra escrita em 2003, Rohan Gunaratna constrói uma narrativa detalhada sobre a principal liderança, a ideologia, as fontes de financiamento, o recrutamento de militantes, o alcance global, as táticas de operação, a propaganda, dentre outros, da Al-Qaeda. No que ainda hoje é uma das referências mais citadas sobre o tema, Gunaratna, em *Inside Al Qaeda: global network of terror*, demonstra que um novo padrão de terrorismo islâmico surgiu com a Al-Qaeda. Para ele, a organização terrorista conseguiu, de forma inédita, se desenvolver ao ponto de tornar-se - como o título da obra indica - um grupo multinacional de promoção ao radicalismo islâmico por meio da luta de guerrilha e do terrorismo. O sucesso da organização se deve, segundo o autor, principalmente ao papel desempenhado por Osama Bin Laden como liderança

política, militar e religiosa – embora que formalmente nunca tenha possuído autoridade eclesiástica – combinada à importante capacidade de gerenciamento eficaz de uma organização terrorista islâmica semelhante a uma corporação inserida no mundo globalizado.

Comprometido com o intuito inicial, pensado por Azzam no fim da década de 1980, de estabelecer uma organização que “canalizasse as energias dos *mujahidin* para a luta em favor dos muçulmanos oprimidos por todo o mundo; uma ‘força islâmica de reação rápida’ pronta a se lançar em defesa de seus companheiros de fé tão logo fosse necessário” (p. 28), a estratégia de mobilização colocada em prática pelo saudita se fundamentava em atacar os “principais inimigos” do mundo islâmico – basicamente, cristãos e judeus –, contra sua presença nos países árabes, mas principalmente contra sua própria existência mesmo que em seus próprios países, sob a justificativa de autodefesa. Isto é reflexo do caráter pan-islâmico na retórica de Bin Laden. Trata-se de um fator que, em relação às demais organizações do gênero em atuação naquele momento, deu notoriedade à Al-Qaeda e Bin Laden perante os setores islâmicos simpáticos às causas político-religiosas radicais:

A maioria dos islamitas batalhavam contra governos seculares, e mesmo seus grupos terroristas ou de guerrilhas não se simpatizavam com a vertente universal do Islã. Eles estavam engajados em campanhas territoriais. Mesmo assim, devido a sua retórica antiocidental e anti-israelita, Osama conseguiu atrair o apoio generalizado, politizado e radicalizado dos muçulmanos. É por conta de sua ampla disposição ideológica de atacar interesses americanos, ocidentais e israelitas que seu apoio e infraestrutura operacional tornaram-se globais e resilientes. Além disso, embora Osama seja um árabe, ele advoga pela unidade pan-islâmica (a reconstrução da *umma*, a comunidade dos fiéis), e não pelo pan-arabismo. Com a exceção do Aum Shinrikyo e da Al-Qaeda, todos os grupos terroristas ou de luta de guerrilhas que surgiram no oriente médio, Ásia e em outros lugares, desde 1968, tem sido monoétnicos.¹⁵

Deste modo, ao contrário de outras organizações terroristas – como o Hezbollah, o Grupo Islâmico Armado e a *Jihad* Islâmica Egípcia – que recrutavam apenas islâmicos das nacionalidades dos respectivos grupos, neste quesito a Al-Qaeda exigia para o ingresso apenas que fossem muçulmanos, mesmo que recentemente convertidos.

¹⁵ GUNARATNA, Rohan. *Inside Al-Qaeda: global network of terror*. New York: Berkley Publishing Group, 2003. p. 115-6.

A efetividade operacional do alcance global da organização se deve em grande parte ao retorno desses militantes, agora treinados, para seus países de origem onde, uma vez reestabelecidos, criavam células locais filiadas a Al-Qaeda. Gunaratna (p. 102) expõe um impressionante e quase inacreditável número de países em que, segundo ele, diversas agências de inteligência teriam detectado células terroristas com fortes indícios de ligação com a organização de Bin Laden. Tais células são operadas sob rígida confidência e por este motivo quando descobertas podem, mesmo sendo numerosas, erroneamente indicar que atuam de forma independente:

A rede global de terrorismo da Al-Qaeda aderiu rigidamente ao modelo celular (também conhecido como “cardume”), “composto de várias células cujos membros não se conhecem, de modo que se um integrante de uma célula é apanhado as outras não serão afetadas, possibilitando o prosseguimento normal dos trabalhos.” Seus membros nunca se reúnem todos em um mesmo lugar; tampouco se conhecem uns aos outros; muito menos suas famílias estão cientes dos meios de comunicação utilizados entre o líder da célula e cada um de seus integrantes.

Uma questão que tem atraído à atenção de pesquisadores do terrorismo moderno é a de como a Al-Qaeda conseguiu, até o final de 2001, manter financeiramente a si mesma e a toda essa estrutura de grupos e células cooptadas. Diferentemente do que alguns autores afirmam – dentre eles Wright e Burke –, a principal fonte de financiamento da Al Qaeda, para Gunaratna, não veio majoritariamente da fortuna pessoal de Bin Laden. A pujança dos bolsos do saudita tem sido um argumento em favor do ceticismo de vários estudiosos quanto à existência não da organização terrorista, mas dessa extensa rede de células espalhadas pelo planeta vinculadas a ela. Argumenta-se que mesmo uma vez multimilionário, Bin Laden em meados da década de 1990, por conta da ordem do governo saudita ao *Saudi Bin Laden Group*, não mais auferiu repasses de lucros da mega empresa familiar e teve seus bens congelados naquele país, comprometendo sobremaneira sua capacidade de custeamento da organização e, ainda mais, de possíveis filiais em outros países.

Para Gunaratna, entretanto, a fortuna particular de Bin Laden pode ter sido necessária apenas num primeiro momento para que se tornasse possível a criação de uma considerável quantidade de empreendimentos legítimos que, gerenciados por militantes em nome da Al-Qaeda, seria uma importante fonte de financiamento da organização. “Os serviços de inteligência e segurança por todo o mundo, incluindo a

CIA e o MI6”, afirma o autor, “até então nunca tinham se deparado com uma rede global de financiamento do terrorismo tão sofisticada quanto a da Al-Qaeda” (p. 90). Vários dos empreendimentos desta rede são listados pelo autor:

Sempre que possível a Al-Qaeda tem preferido levantar fundos por meio de negócios legítimos, procurando evitar o tráfico de narcóticos e de imigrantes. Por exemplo, Blessed Fruits exportava frutas e vegetais; Al Hijra Construction construía ruas; International Al-Ikhlas manufaturava doces; Bank of Zoological Resources manipulava genes para gado mestiço; Kasalla produzia milho geneticamente modificado e outros produtos agrícolas; Happ Tannery, na cidade de Cartum, produzia couro. A Al-Qaeda também possuía companhias de processamento de alimentos e de criação de mobiliário, e estava profundamente envolvida na compra para importação e exportação de bicicletas do Azerbaijão, caminhões Maz da Rússia, tratores Zetor da Eslováquia e carros de Dubai. Dentre as mercadorias que importava estavam maquinarias pesadas, fertilizantes, açúcar, aço, inseticida e implementos para máquinas. Em suas exportações incluíam-se avestruzes do Quênia, madeira da Turquia, limões, azeitonas, uvas-passa e nozes do Tajiquistão, diamantes da Tanzânia, lazulitas do Afeganistão, pedras preciosas de Uganda e camelos do Sudão. A organização também era proprietária de uma rede global de investimentos e pequenos negócios. Por exemplo, ela possuía barcos e uma empresa de pesca em Mombasa; na Suécia, investia em equipamentos para a indústria hospitalar, na Dinamarca em produtos derivados de leite e na Noruega em fábricas de papel.¹⁶

O sentido deste grande número de empreendimentos e variados tipos de transações também estava fundado na finalidade de fornecer meios legítimos para captação de fundos advindos de doadores abastados do oriente médio. As empresas estabelecidas e gerenciadas pela Al-Qaeda eram uma das várias portas de entrada deste tipo de financiamento. Alguns bancos, instituições de caridade e organizações não governamentais também serviam ao mesmo propósito:

Doadores árabes endinheirados do oriente médio, incluindo indivíduos respeitáveis dos Emirados Árabes Unidos, Kuwait, Arábia Saudita e Catar, são os pilares financeiros da Al-Qaeda. De modo a facilitar tais transações, diversos negócios e bancos no Golfo são usados como fachada, possibilitando à Al-Qaeda a condução de seus empreendimentos sob disfarce. (...) A Al-Qaeda também drenava fundos de instituições de caridade islâmicas legítimas nas quais conseguia infiltrar, enquanto que sua extensa rede de organizações de fachada, ocultas ou simpatizantes incluía negócios que variavam do comércio de diamantes a atividades importação-exportação, manufaturados e transporte. (GUNARATNA, 2003, p. 82-3).

¹⁶ GUNARATNA, Rohan. *Inside Al-Qaeda: global network of terror*. New York: Berkley Publishing Group, 2003. p. 90.

Analisando a extensão da rede de financiamento da organização terrorista, é possível ter uma ideia do nível de desenvolvimento alcançado por ela no aspecto financeiro. Mas qual é o custo estimado de uma operação terrorista? E o preço de se manter uma rede global de terrorismo como a da Al-Qaeda?

Por motivos óbvios, tais informações são difíceis de precisar, porém o orçamento para a manutenção da Al-Qaeda quando no auge de seu funcionamento – até outubro de 2001 –, segundo estima o autor, estava em torno dos 50 milhões de dólares anuais (p. 82) e o custo de sua mais onerosa operação, em 11 de setembro de 2001, não teria ultrapassado os 500 mil dólares (p. 86): ou seja, desde que a torrente de doações internacionais continuasse a fluir, a questão financeira não seria o maior impedimento. Com isso, havia condições financeiras para que de fato a organização pudesse criar e manter células em outros países.

Embora no Afeganistão, sob o comando dos talibãs, Bin Laden e sua equipe possuíssem trânsito livre – tornando-se o “primeiro caso em que uma organização terrorista conseguiu controlar um Estado”¹⁷, e não o inverso, como usualmente ocorria – a maior preocupação da cúpula do grupo era a de conseguir transpor as barreiras internacionais de segurança, seja para a criação de células ou para a infiltração de agentes e recursos.

Uma solução alternativa praticada desde o início da década de 1990 era a de assessoramento de outros grupos terroristas para que atacassem alvos do interesse da organização, evitando que esta atraísse atenção das agências de segurança internacionais. Porém, as constantes falhas de segurança e a baixa repercussão midiática faziam parecer que aquela preocupação era sobre-estimada. Em várias ocasiões, mesmo depois de identificada a atividade terrorista, a mídia internacional e as agências de segurança não demonstraram interesse em proceder com uma investigação mais aprofundada sobre a organização de Bin Laden e seu potencial de alcance:

A Al-Qaeda também firmou parcerias com outros grupos terroristas islâmicos, estimulando-os e os assistindo, direta e indiretamente, para que atacassem alvos em seus países e fora deles. Como a política da Al-Qaeda era a de não reivindicar tais operações como suas, e por que os ataques ocorriam principalmente na Ásia e no oriente médio, escassa atenção era dada pela mídia internacional. Por exemplo, a Al-

¹⁷ GUNARATNA, Rohan. *Inside Al-Qaeda: global network of terror*. New York: Berkley Publishing Group, 2003. p. 82-3.

Qaeda bombardeou um avião da Philippines Airlines que sobrevoava o Japão, matando um japonês e ferindo outros passageiros em 1994, enquanto que em 1996 ela assassinou dois alemães na Líbia. Embora o plano Bojinka – uma operação para destruir onze aviões de companhias aéreas americanas sob o Pacífico, atirar contra o Pentágono e o quartel-general da CIA uma aeronave carregada de explosivos e assassinar o presidente americano Bill Clinton e o Papa João Paulo II em Manila – foi descoberto, a Al-Qaeda não foi vigorosamente monitorada, nem seus líderes perseguidos. Além disso, quando a Al-Qaeda recrutou, treinou e financiou Ramzi Ahmed Yousef para que bombardeasse as torres do World Trade Center, dia 23 de fevereiro de 1993, em Nova Iorque, a comunidade internacional de inteligência falhou ao avaliar com precisão e ao responder de forma decisiva a esta organização terrorista internacional altamente perigosa.¹⁸

O terrorismo islâmico até o 11 de setembro, conclui-se, não era uma ameaça de grande prioridade para os meios de segurança dos Estados ocidentais, o que por consequência teria facilitado o estabelecimento de células fora do Oriente Médio. Wright nos recorda que até 1996 havia apenas um agente no FBI – Daniel Coleman – designado para investigar a Al-Qaeda. Essa talvez tenha sido uma das maiores falhas das forças policiais: não dar a devida importância para a possibilidade de associação entre militantes e organizações radicais diferentes e a de que conseguissem operar com sucesso fora dos países islâmicos. Para Gunaratna, a Al-Qaeda foi a grande responsável para que, da pior maneira, esse paradigma fosse desfeito.

¹⁸ GUNARATNA, Rohan. *Inside Al-Qaeda: global network of terror*. New York: Berkley Publishing Group, 2003. p. 08.

Capítulo II – Imperialismo americano, Al-Qaeda e demandas sociais islâmicas

A presença de ditadores que há décadas se mantêm no poder é um dos traços políticos mais marcantes para grande parte dos países islâmicos no oriente médio e no norte da África desde pelo menos a segunda metade do século XX. Embora longevos, seus governos não foram originados e sua manutenção não é determinada pelo livre assentimento da maioria da população, muito menos demonstram alguma preferência daqueles povos por formas autoritárias de governo. Trata-se de um fenômeno importante que reflete a alternativa pela qual a Al-Qaeda tenta se personificar para os povos islâmicos e, por consequência, demonstra sua retórica estar amplamente fundamentada nos ressentimentos dessas populações ao que essas compreendem serem as razões daquele autoritarismo perdurante.

A ascensão dos Estados Unidos como superpotência ocorrida após a segunda guerra mundial aconteceu paralelamente ao voltar dos olhos desse país ao potencial econômico – o energético talvez sendo o maior deles – do oriente médio e norte da África, tornando parte de sua estratégia geopolítica o favorecimento técnico, financeiro e político a governantes árabes pró-americanos que, em contrapartida, demonstrassem condições de criar ou manter estabilidade social apesar de servirem a interesses nocivos aos da maioria pobre das populações.

Essa prática não é fato novo para a região. Além do “imperialismo local” fruto das rivalidades políticas árabes, a presença na região de uma potência estrangeira – quase sempre europeia – colonizando-a diretamente ou influenciando seus rumos por meio das elites locais é percebida há alguns séculos. Os Estados Unidos, como fizeram as potências anteriores, vem impondo sua própria agenda política e econômica numa região de culturas milenares e crescente sentimento anti-imperialista. Com isso, ditadores brutais ao assumirem os governos tomaram pra si, dentre outros fatores, o papel de conter o ímpeto nacionalista de suas populações, assegurando condições para o cumprimento da agenda estrangeira. A Al-Qaeda e outras organizações terroristas similares militam sob esse cenário.

A humilhação política imposta aos muçulmanos durante décadas por governantes árabes subservientes a interesses estrangeiros se torna gritante quando inflamada pelas narrativas de comparação a um passado glorioso, distante e idealizado, de uma época em que a comunidade muçulmana não teria supostamente se deixado

corromper, não se desviando dos ensinamentos do Alcorão. Dessa forma, como recompensa de Deus, receberam a graça de triunfarem, no ápice de seu império, da península ibérica às fronteiras da Índia.

É a partir desta ótica que muitos dos militantes islâmicos radicais interpretam a situação político-econômico-militar de segunda classe das nações árabes contemporâneas, buscando principalmente as “razões externas” para a corrupção do Islã – sendo este um sistema social considerado perfeito. Para Burke:

A resposta mais óbvia é que a falha está no Ocidente e nos muçulmanos que não praticam sua religião com disciplina e devoção suficientes. As bombas se destinam a restaurar o orgulho islâmico em todo o mundo, a envergonhar os muçulmanos ‘sem fé’ e inspirar-lhes uma maior observância e, enfraquecendo os ‘cruzados’ e seus aliados e substitutos locais, apressar o retorno final da idade de ouro de mil anos, quando as terras do Islã eram a principal potência mundial.¹⁹

Desta forma, a explosão de edifícios de instituições governamentais, de centros comerciais, de carros-bomba estacionados em praças públicas, a morte de civis e militares por um ato terrorista dos militantes, possuem essa subjetiva meta de repreensão moral conjugada à tentativa extrema de uma reafirmação da superioridade da fé islâmica perante qualquer força secular. Por outro lado, a Al-Qaeda também estabelece, como resposta à humilhação mencionada, outros objetivos que em comparação com os primeiros podem ser considerados relativamente bem definidos. Segundo expõe Gunaratna (2003, p. 119):

Antes do 11 de setembro, seu objetivo mais imediato era a retirada das tropas americanas da Arábia Saudita e a criação ali de um califado. Sua estratégia em médio prazo era a expulsão dos “governantes apóstatas” da península arábica e consequentemente do oriente médio e a criação de verdadeiros Estados islâmicos. E a estratégia de longo prazo era a constituição de uma formidável liga de Estados islâmicos – incluindo alguns com armas nucleares – com o objetivo de entrar em guerra com os Estados Unidos (o “Grande Satã”) e seus aliados.

Mesmo depois da destruição pelos americanos de sua estrutura física no Afeganistão, a Al-Qaeda não alterou seus propósitos, mas reafirmou sua disposição em alinhar objetivos políticos extremos, mas relativamente claros, com metas de difícil

¹⁹ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 296.

mensuração. Por exemplo, a “desmoralização” dos “aliados ocidentais” presentes nos países árabes e a “conscientização” pelos muçulmanos da necessidade de engajamento numa *jihad* global, também são metas da organização e por seu caráter subjetivo podem a qualquer momento propício serem declaradas cumpridas.

No entanto, para os militantes da Al-Qaeda, a batalha que travam vai além de qualquer um daqueles aspectos. Para eles, tais problemas históricos presentes nos países muçulmanos fazem parte de uma guerra mais ampla, de caráter universal e atemporal, travada entre forças sobre-humanas e antagônicas. Os militantes, segundo seu ponto de vista, são nada mais que agentes passageiros e insignificantes cumpridores da onipotente vontade divina. Al-Zawahiri numa entrevista para a imprensa islâmica concedida quatro anos após os ataques de 11 de setembro, deixa clara essa posição:

A *jihad* a caminho de Alá é mais importante do que qualquer indivíduo ou organização. É uma batalha entre a Verdade e a Falsidade até que Alá Todo Poderoso herde a terra e aqueles que vivem nela. Mulá Muhammad Omar²⁰ e o xeque Osama Bin Laden são meramente dois soldados do Islã na jornada da *jihad*, ao passo que a batalha entre a Verdade e a Falsidade transcende o tempo.²¹

As forças a serviço da “falsidade” são representadas no âmbito terreno pelos governos cristãos e judeus que com seu poder militar e econômico oprimem os muçulmanos:

[Os militantes radicais objetivam] pôr fim à repressão do mundo islâmico pelos governos hipócritas e pela aliança ‘cruzado-sionista’ que os apoia e manipula. A afirmação de que o Ocidente e os judeus desejam manter o mundo islâmico em estado de fraqueza, divisão e pobreza é tomada como um dado. (...) No seu mundo (e no mundo de Azzam, Qutb, Al-Zawahiri e outros), as Cruzadas nunca terminaram.²²

Explicar a situação política dos países árabes tendo como base discursos como o das Cruzadas perpetuadas também possui aplicação prática para os militantes que procuram angariar apoio operacional e financeiro: se o voltar dos olhos para inimigos externos e generalizados é um dos indicadores da radicalização de suas posições

²⁰ Mohamad Omar foi o líder dos talibãs e chefe de Estado no Afeganistão, de 1996 a 2001, responsável pelo abrigo à Al-Qaeda durante o período de maior desenvolvimento da organização.

²¹ IBRAHIM, Raymond. *The Al-Qaeda reader*. New York: Doubleday, 2007. p. 182

²² BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 176.

políticas, essa mesma estratégia também possui o sentido claro de tentar unir as variadas e difusas vertentes islamitas sob a égide do inimigo em comum:

Bin Laden percebeu que penetrar nos profundos e generalizados ressentimentos do mundo islâmico em relação à supremacia e à política ocidentais lhe permitiria superar a *fitna*²³ e unificar os islamitas radicais sob sua bandeira. ● fracasso dos islamitas políticos mais moderados em ultrapassar os limitados interesses locais tinha deixado uma enorme brecha que Bin Laden, com sua mensagem explicitamente supranacional, vaga o bastante para não se chocar com a agenda local de nenhum grupo, podia explorar.²⁴

Assim, entrar no mérito sobre as alternativas políticas e pormenores como suas aplicabilidades locais seria contraproducente ao intuito de conscientizar e mobilizar esforços para o combate ao que Bin Laden, se referindo aos Estados Unidos, afirma ser o “principal inimigo”:

A situação não pode ser corrigida, tal como a sombra não pode ser endireitada se sua fonte, o seu alicerce, também não for ereta, a menos que se enfrente a raiz do problema. Portanto, é essencial atingir o principal inimigo que dividiu uma a uma em países pequenos e frágeis, e a lançou nas últimas décadas em um estado de confusão.²⁵

A crença e a militância pelo retorno ou ascensão de sociedades perfeitas talvez também seja a extensão mais profunda dos efeitos de um prolongado período de tempo em que nações islâmicas inteiras foram submetidas a flagrantes contradições sociais. O oriente médio e norte da África, por exemplo, são territórios cuja posse e exploração originaram disputas históricas entre diversos países – da região e de fora dela –, e que mesmo depois de firmarem suas respectivas independências políticas no transcorrer do século XX, veem seus recursos energéticos naturais – um verdadeiro passaporte para fora do subdesenvolvimentismo – continuarem a ser drenados para o exterior.

Embora sirva a propósitos que, conforme já mencionados, são claramente delineados, a contrapartida social daquele discurso idealizado é a propagação e o fortalecimento de visões conspiratórias da realidade, a criação de bodes expiatórios e a demonização de grupos sociais inteiros cada qual naturalmente heterogêneo, com base em uma ou muito poucas características generalizantes. Considere-se também que essa

²³ *Fitna* no contexto da militância islâmica radical significa o estado de fraqueza e divisão a que os países ocidentais teriam tentado historicamente submeter os países islâmicos.

²⁴ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 179.

²⁵ Reuel Marc Gerecht, “The gospel according to Osama Bin Laden”, *Atlantica Monthly*, jan 2002.

demonização seria vazia caso tal ideologia não se correspondesse à ignorância e aos ressentimentos já existentes em setores das sociedades islâmicas sobre o que consideram ser “ocidental”, ou, de forma mais abrangente, o não-muçulmano.

Esta é uma das formas de leitura da situação política dos países muçulmanos disponíveis atualmente para a compreensão de sua realidade. Seu fortalecimento está condicionado principalmente à propagação do sentimento de desesperança quanto à eficiência dos meios institucionais para o tratamento das demandas sociais locais: é o caminho pelo qual o radicalismo político se origina. Demonstrar esse problema como endêmico aos sistemas políticos em vigor é o *modus operandi* das organizações radicais.

Nos países árabes, principalmente, o contexto histórico das disputas imperialistas gerou uma predisposição à aceitação de narrativas desta natureza. A visão de mundo transmitida por Bin Laden e pela Al Qaeda são definitivamente radicais e sua visão da realidade vai muito além do que pode ser verificado em campo, porém se possuem um pé na realidade esse estará certamente fincado no inegável fato de que por toda a região o autoritarismo, a exploração econômica, estrangeira e predatória dos recursos naturais e as constantes intervenções militares andaram por longo tempo de mãos dadas, em detrimento da melhoria das condições de vida das populações locais.

Neste sentido, em uma carta aberta escrita pessoalmente por Bin Laden e publicada em outubro de 2002, são reafirmadas as razões pelas quais sua organização empenha-se contra os americanos. Como embasamento são evocadas a causa territorial palestina, a intervenção militar na Somália – provavelmente se referindo àquela ocorrida em 1992 –, as atrocidades russas na Chechênia, a opressão indiana contra os muçulmanos na Caxemira e a agressão dos judeus no Líbano: todas estas crueldades ocorridas, segundo ele, com o apoio americano. Além disso, o saudita também acusa os Estados Unidos de roubarem a riqueza e o petróleo dos países muçulmanos, além de ocupá-los com suas bases militares, dar supervisão, consenso e ordens para que os governantes locais atacassem diariamente seus compatriotas muçulmanos, e de provocar a morte por inanição de mais de 1.5 milhão de crianças iraquianas como resultado de seu bloqueio econômico ao país. Em seguida, o saudita declara seu direito à vingança:

Essas tragédias e calamidades são somente alguns poucos exemplos de sua opressão e agressão contra nós. É ordenado por nossa religião e intelecto que o oprimido tem o direito de responder a agressão. Não

esperem nada de nós exceto *jihad*, resistência e vingança. É de alguma maneira racional esperar que, depois de a América nos atacar por mais de meio século, nos a deixemos que viva em segurança e paz?! Alá Altíssimo legislou a permissão e opção se vingar. Assim, se somos atacados, temos o direito de atacar de volta. Qualquer um que tenha destruído nossas cidades e vilarejos, temos o direito de destruir suas cidades e vilarejos. Qualquer um que tenha roubado nossas riquezas, temos o direito de destruir suas economias. E qualquer um que tenha matado nossos civis, temos o direito de matar os seus civis.²⁶

Sobre esta premência pela autodefesa islâmica defendida por Bin Laden, permanece uma pergunta. Considerando a hipótese do total afastamento de todo e qualquer assunto islâmico por parte de todos os países considerados por eles como ocidentais, seria isto suficiente para que a Al-Qaeda desse por cumprido seu papel de militância e, portanto, abrisse mão do emprego de terrorismo? Ou seria sua constante recorrência à referida humilhação islâmica apenas um meio para o endereçamento de sua visão de mundo como uma guerra infinita e universal?

²⁶

IBRAHIM, Raymond. *The Al-Qaeda reader*. New York: Doubleday, 2007. p. 200-1.

Capítulo III – Extremismo islâmico e sua representatividade para além dos militantes radicais

A emergência de Estados falidos e as políticas de desregulamentação financeira características dos anos 1990 quando, em seu início, a disputa pela hegemonia global entre duas ideologias ocidentais fora vencida pelo capitalismo neoliberal encabeçado pelos EUA, trouxeram como uma de suas consequências oportunidade única às organizações terroristas de ampliarem sua capacidade destrutiva, seja pela facilidade da lavagem de dinheiro, seja pela captação de mão de obra especializada e compra de material bélico, frutos da dissolução da URSS (GRAY, 2004).

A melhor capacidade destrutiva, entretanto, não alterou sensivelmente os objetivos imediatos das principais organizações terroristas islâmicas em atividade: continuavam sendo essencialmente locais ou regionais. A Al-Qaeda – cuja meta primeira é a retirada das tropas americanas da Arábia Saudita – não é uma exceção. O que ocorre é a convergência da ideia entre os militantes radicais de que para o alcance desses mesmos objetivos deve-se passar pelo engajamento numa batalha maior, de nível global, refletindo a ideia de guerra transcendental mencionada no capítulo anterior. Para Jason Burke:

Organizações (e indivíduos) sem interesse prévio pela “*jihad* global” agora ampliaram muito suas perspectivas. Grupos que antes se concentravam em problemas locais agora veem como alvo tudo que é *kufi*²⁷. Ativistas argelinos presos na França no final de 2002 planejavam atacar a embaixada russa em Paris em represália às atrocidades cometidas pelas tropas de Moscou na Chechênia. No Paquistão, quando Abu Zubaydah foi capturado, encontraram-no num esconderijo pertencente ao Sipa-e-Sahaba Paquistão (SSP), grupo anteriormente interessado apenas numa agenda local sectária. (...) Em março de 2004, em seguida ao assassinato de seu líder, o xeque Yasin, por um míssil israelense, o Hamas aparentemente ameaçou estender seus ataques além de Israel-Palestina. (...) Com certeza, para muitos muçulmanos, a causa palestina está sendo vista – como nunca antes –, ao lado dos problemas na Caxemira, na Chechênia e no Iraque, como parte de uma batalha titânica.²⁸

Esse cenário demonstra o fortalecimento ideológico do terrorismo islâmico ocorrido principalmente após o 11 de setembro e que apesar dos gigantescos

²⁷ Relativo àqueles que não seguem a religião islâmica – “descrentes”.

²⁸ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 282-3.

investimentos em segurança nacional e inteligência realizados pelos Estados Unidos, esses meios não foram suficientes para conter significativamente o relativo avanço dessa forma de radicalismo. De fato, as tropas da coalizão de guerra lideradas pelos americanos no Afeganistão e no Iraque promoveram o efeito contrário e dos mais previsíveis: enquanto ocupavam países e derrubavam governos árabes alegando-se portadores de subjetivos ideais libertários, incitavam contra si mesmos a ira desses povos – foge da razão acreditar que desta maneira poderiam esperar outro resultado.

Consequentemente, a figura simbólica da Al-Qaeda e de Bin Laden tornou-se representante do discurso do dissenso ao imperialismo americano e, além disso, agentes catalisadores do radicalismo político de cunho religioso. Sua mensagem de guerra cósmica amparada na situação política de históricas interferências estrangeiras nos países árabes oferece o embasamento “factual” necessário ao engajamento numa luta radical mais ampla:

“[A] percepção de que um Ocidente beligerante se empenha em humilhar, dividir e finalmente conquistar o mundo islâmico é uma causa tão profunda da violência muçulmana quanto a relativa pobreza ou a repressão dos governos. Os militantes creem estar travando uma batalha final pela sobrevivência de sua sociedade, cultura, religião e modo de vida. Acreditam que as cruzadas nunca acabaram e que agora estão lutando uma guerra desesperada de autodefesa. Entendem, tal como nós no Ocidente, que a autodefesa pode justificar o uso de toda espécie de táticas que seriam desaprovadas em outras circunstâncias. Acreditam, como nós também, que estão lutando para preservar suas vidas, sociedades e culturas.”²⁹

Esta é a premência do extremismo islâmico para seus militantes. Porém, em se tratando da aceitação dessa forma de luta pela população islâmica em geral, percebe-se que, apesar do ressentimento frente à interferência ocidental nestes países ser generalizado, a penetração dessa ideologia radical para os povos islâmicos em geral é relativamente pequena.

Em uma pesquisa de opinião pública internacional realizada em vários países de maioria muçulmana³⁰ entre os anos de 2006 e 2008, publicada no ano seguinte e supervisionada pela Universidade de Maryland, na qual parcelas dessas populações

²⁹ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 295.

³⁰ Sendo eles: Egito, Indonésia, Paquistão, Marrocos, Turquia, Jordânia, Azerbaijão, Nigéria e territórios palestinos – embora que, por diversas razões, nem todos os questionamentos foram realizados em todos estes países.

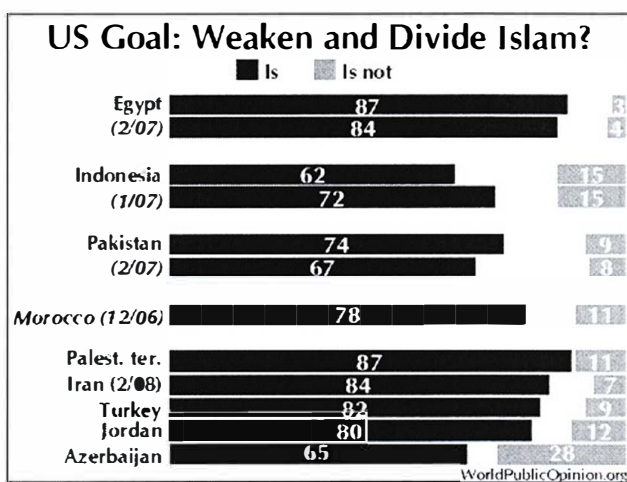
foram indagadas principalmente sobre suas percepções a respeito da política externa americana para a região e sua visão sobre terrorismo e organizações terroristas como a Al-Qaeda, foi indicado, dentre outros, a predominância da ideia de que uma força política externa se empenha em oprimir o mundo islâmico em termos similares aos mencionados por Burke sobre os militantes islâmicos radicais e o que pensam sobre o “Ocidente”.

Segundo a pesquisa, a concepção de que um dos objetivos da política externa americana é o “enfraquecimento” e a “divisão” do Islã – aferindo-se com isso que além da religião também se referem aos costumes, instituições e mentalidades que se fundamentam nele – é maciçamente aceita entre os entrevistados.

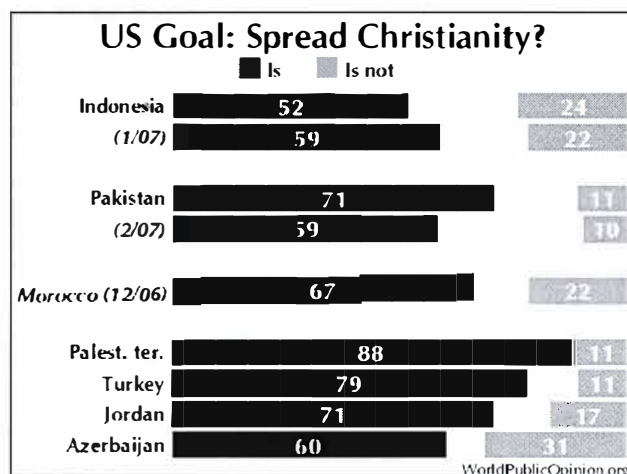
A pergunta foi respondida afirmativamente por ampla maioria em todos os países entrevistados. Nos países de maioria árabe, a maior incidência da afirmativa ocorreu no Egito e nos territórios da Palestina (87%) e a menor no Azerbaijão (65%). Com porcentagens intermediárias, estão Irã (84%), Turquia (82%), Jordânia (80%), Marrocos (78%) e Paquistão (74%).

Embora com porcentagens um pouco menores – com a excessão dos entrevistados nos territórios palestinos onde para esta pergunta o “sim” se apresentou em 1 ponto percentual acima do constatado para o questionamento mencionado anteriormente –, mas seguindo as tendências similares de aceitação/rejeição para cada país em

relação à pergunta anterior, também foi respondida afirmativamente por ampla maioria dos entrevistados se a expansão do cristianismo nos países islâmicos também



Objetivo americano: Enfraquecer e dividir o islã?



Objetivo americano: propagar o cristianismo?

seria um dos objetivos americanos.³¹

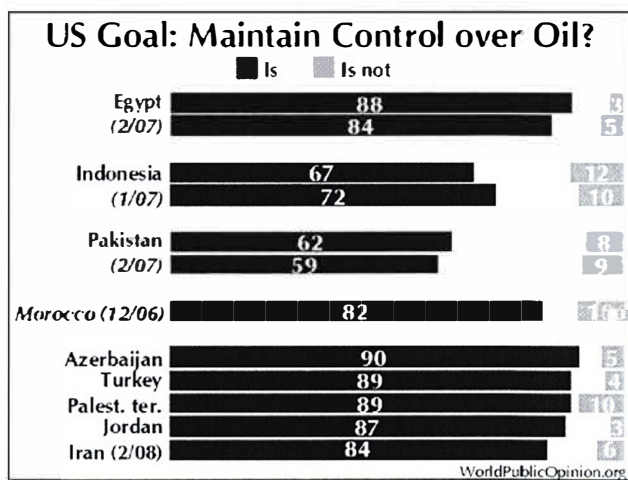
A indagação que em média apresentou o maior índice para a resposta afirmativa, entretanto, foi constatada para uma questão de caráter predominantemente secular. A presença de interesses econômicos americanos na região no que diz respeito ao controle da exploração de jazidas de petróleo indica ser de amplo conhecimento das populações locais e, a partir dos dados coletados, aparentam, na melhor das hipóteses, serem encarados com suspeita pela maioria dos entrevistados.

Pensando sobre os interesses da maior democracia capitalista da atualidade para uma região sem mercados consumidores expressivos e forte rejeição aos valores das sociedades ocidentais, o denominador comum da oferta de petróleo por um lado e de sua intensa demanda para consumo pelo outro certamente não tarda em

vir à mente. Talvez por isso, os números do Azerbaijão sejam particularmente esclarecedores: tendo as perguntas anteriores em perspectiva, possivelmente por sua pragmaticidade temas mais palpáveis como o da questão do petróleo foram decisivos para que neste caso a afirmativa alcançasse o patamar de 90% - diferentemente das outras perguntas mencionadas que envolvendo temas de caráter religioso não ultrapassaram a sexta dezena para este país.

Esse ambiente árabe hostil às interferências americanas é um dos grandes fatores responsáveis pelo surgimento dos militantes islâmicos radicais. Conforme indicado pela pesquisa, as razões para isto são predominantemente uma combinação de sentimentos de opressão religiosa, política e econômica. Contudo, tomando aqueles dados como referência talvez se tenha a ideia errônea de que o número daqueles que levam essa rejeição ao extremo e engajam-se na luta terrorista siga patamares semelhantes.

Embora seja difícil rastrear o número desses militantes em atividade, depreende-se que apenas uma pequena parcela dentre aqueles que vivem num país estrangeiro a



Objetivo americano: manter o petróleo sob controle?

³¹ A ausência dos dados egípcios para esta pergunta é explicada no relatório da pesquisa (p. 12) pela razão de não ter sido "permitida" para aquele país, embora tenham se furtado a demais explicações.

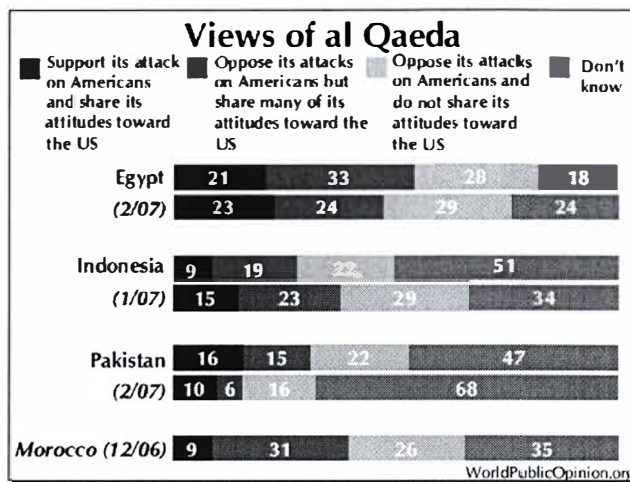
origem de seus problemas internos – de maneira similar às mencionadas acima –, de fato radicalizam-se no sentido da luta armada. Essa dificuldade de mobilização tem sido detectada como um problema recorrente para as organizações terroristas. Se por um lado essa animosidade local é um importante fator em favor das organizações, a baixa adesão de novos membros permanece um impasse:

O problema para Bin Laden e outros é que a ampla maioria dos muçulmanos, embora possa nutrir profunda simpatia pelos palestinos, se oponha à invasão e ocupação do Iraque, se sinta humilhada pela presença de tropas norte-americanas em outras partes do Oriente Médio e esteja preocupada com a crescente hegemonia cultural e política do Ocidente, não simpatiza com seus métodos e rejeita seu extremismo. Bin Laden e outros radicais estão cientes de que, entre os muçulmanos que os veem com simpatia, muitos poucos agirão de acordo com esse sentimento. Embora possam ficar satisfeitos, por vezes secretamente, pelo fato de Bin Laden estar tomando uma posição, e sinta uma profunda embora complexa identificação com sua causa, os muçulmanos, em sua ampla maioria, não apoiam seus métodos nem se dispõem a pegar em armas.³²

Essa visão é bastante similar às conclusões de outra indagação que compõe a pesquisa já mencionada, indicando que dentre os países em que a pergunta a seguir foi realizada somente pequenas parcelas demonstraram apoio irrestrito à Al-Qaeda.

Aqueles que disseram “apoiar os ataques [da Al-Qaeda] e se simpatizarem com suas atitudes frente aos Estados Unidos” representaram apenas 23% dos entrevistados no Egito – sendo o país que apresentou o maior índice para esta pergunta.³³

Uma importante indicação decorrente disto é a de que se as organizações terroristas não possuem o apoio desejado entre os próprios que julgam defender é provável que seja por que sua forma de militância não condiz com as



Opiniões sobre a Al-Qaeda

³² BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 53-4.

³³ As outras opções de resposta foram: “Condeno os ataques aos americanos, mas simpatizo-me com suas atitudes frente aos Estados Unidos”; “Condeno os ataques aos americanos, e não tenho simpatia pelas suas atitudes frente aos Estados Unidos”, e; “Não sei”.

expectativas da maioria dos seus representados. O problema é que como forma de persuasão, muitas delas insistem nas próprias práticas que, em primeiro lugar, as fizeram distanciar de seu público. No caso da Al-Qaeda, para Burke, “Bin Laden sempre pretendeu radicalizar e mobilizar os muçulmanos que até então rejeitavam seu chamado à ação”:

Esse tem sido um problema fundamental para os ativistas radicais islâmicos nas últimas três décadas. (...) A principal preocupação sempre foi provar que está em curso uma batalha cósmica entre o bem e o mal e que o Islã – e portanto tudo que é bom, correto e justo – está em grande perigo. Uma vez que a *umma* se convença disso, acredita Bin Laden, os muçulmanos de todo o mundo vão se revoltar, retomar o verdadeiro caminho e, tendo ganhado assim as bênçãos de Deus, se livrar dos grilhões que lhes foram impostos durante séculos de “humilhação e desprezo”.³⁴

Assim, se por um lado há um panorama de forte rejeição pelos islâmicos aos métodos de luta de organizações radicais como a Al-Qaeda, por outro há uma solidarização na luta terrorista entre os militantes islâmicos radicais de diferentes organizações, conforme já mencionado. E mesmo sendo a reduzida adesão à luta armada talvez a maior de suas barreiras no que diz respeito à operacionalização terrorista, nada disso diminui a seriedade da ameaça que representam, uma vez que para que ocorra um atentado contra uma linha de trem espanhola, ou um ônibus de transporte público na Inglaterra, não são necessários mais do que alguns poucos indivíduos engajados num combate imaginário entre forças opostas que controlam o universo.

A constatação de que há uma tendência nos países islâmicos às opções de luta política por vias não radicais e não violentas é reconfortante, mas não surpreendente. A forte interferência religiosa na vida social não faz de um indivíduo automaticamente um militante radical, e além disso há outros fatores que interferem em sua consciência política e são determinantes nos passos definidores de suas preferências na forma de militância política, como a presença de sindicatos trabalhistas, a existência de jovens e estudantes engajados politicamente, o surgimento de segmentos femininos e sua luta pela equidade de gênero, etc.

Além do ato de violência e das vidas prematuramente ceifadas, outro efeito do terrorismo islâmico é a noção equivocada de que essa forma de militância política é

³⁴ BURKE, Jason. *Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 281.

dominante nos países de maioria muçulmana. A espetacularização midiática que o terror origina tende a obscurecer o fato da existência, nestes países, de uma pluralidade de ideias políticas e de caminhos propostos, os quais estando em constante movimento e embate. A mitância radical é apenas uma de muitas delas, estando, aliás, entre as menos competentes no efetivo alcance de seus objetivos políticos.

Uma indicação disto é a onda de manifestações populares iniciadas em 2010, mobilizadas majoritariamente por meio de organizações sindicais e mídias sociais, em vários países do norte da África e oriente médio exigindo, dentre outros, a queda de ditadores de longa data, a instauração de eleições livres e a melhoria das condições de vida para as parcelas pobres da população. No que ficou conhecida como a Primavera Árabe, tornou-se evidente que a maioria das populações islâmicas dessa região não demonstra querer ser representada por organizações extremistas como a Al-Qaeda, mas indicam preferir, nas ruas, pela forma mais legítima de exercício da democracia, fazer valer a vontade popular – sem a necessidade de atentados terroristas como forma de persuasão.

Em menos de dois anos, essa mobilização generalizada conseguiu derrubar os ditadores Zine El Abidine Ben Ali (23 anos no poder), Hosni Mubarak (29 anos no poder) e Muammar Kadafi (43 anos no poder), da Tunísia, Egito e Líbia, respectivamente. A Al-Qaeda em mais de vinte anos de existência – e com vários atentados apavorantes em seu currículo – não conseguiu cumprir sequer o seu mais imediato objetivo, que é a retirada das tropas americanas da Árabia Saudita.

Considerações Finais

Após o 11 de setembro, alguns estudiosos do mundo contemporâneo tem se debruçado sobre o terrorismo islâmico e a ameaça representada pela Al-Qaeda na urgência de compreender a relação intrínseca entre suas reivindicações sociais e as existenciais presentes na retórica da organização. Há um consenso, entretanto, de que não é preciso um olhar dispendioso para que se conclua que reivindicações existenciais sempre estiveram presentes, mas que somente ganham força e se tornam de fato uma ameaça significativa quando conseguem se associar a questões sociais latentes e a colocarem-se como resposta a elas.

Os militantes islâmicos radicais e suas organizações como a Al-Qaeda insistem sempre neste aspecto. E, de fato, pelo menos no norte de África e oriente médio desde o início do século passado existem condições propícias para o surgimento e florescimento de combatentes defensores dessas visões extremas da realidade – o que ocorreu, porém numa escala menor em relação ao potencial de suas contradições sociais.

Bin Laden acreditava que a queda do império soviético aconteceu por conta da derrota russa no Afeganistão, e da mesma maneira pensava que o império econômico e militar dos Estados Unidos ruiria frente a força da fé e a disposição para a morte de seus *mujahidin* no 11 de setembro: seria nada mais do que um reflexo do inevitável progresso das forças do Bem na batalha titânica que transcende a história.

Mais de uma década depois dos atentados, a força militar americana nunca foi tão expressiva e seu Departamento de Defesa nunca tão bem financiado quanto agora. A economia americana esta sim foi colocada em questão, mas não devido ao impacto daqueles atentados, mas pelos efeitos de seu próprio sistema financeiro altamente desregulado fruto de políticas econômicas neoliberais que por sua vez apresentam sinais esperançosos de exaustão.

Há desde os últimos dois anos, portanto, um cenário propício ao avanço de frentes políticas mais moderadas nos países islâmicos. Está claro que se nos anos que imediatamente se seguiram aos atentados havia, até mesmo no espectro político progressista de países ocidentais, um sentimento generalizado de simpatia aos objetivos da Al-Qaeda – talvez por esta ser a única alternativa islâmica relevante de dissenso ao imperialismo americano –, hoje a esperança da maioria dos povos islâmicos se situa na

subversão às ditaduras locais por meio de manifestações e greves em massa como pressão por reformas de caráter democrático.

A Al-Qaeda, com os ataques de setembro, a invasão americana no Afeganistão e a feroz perseguição das agências de segurança internacionais, se viu sensivelmente debilitada financeira e operacionalmente. Sua ideologia, no entanto, demonstrava-se resiliente. Com a Primavera Árabe, expressivos segmentos das populações islâmicas transmitiram a mensagem implícita de que não estão dispostos a ratificar visões de mundo radicais como a daquela organização terrorista. Vários comentaristas políticos trouxeram a tona a questão da importância simbólica da morte de Bin Laden para os americanos, e a sua desimportância para o funcionamento da organização, sendo que seu comando já estava nas mãos de Al-Zawahiri.

No entanto, o que mais compromete a Al-Qaeda e, de maneira geral, a militância islâmica radical é o fato de haver uma alternativa de militância mais eficiente e menos violenta. Os extremistas não mais poderão colocar-se como os únicos defensores dos muçulmanos oprimidos e como os únicos corajosos o suficiente para fazer frente a ditadores e para expulsar interesses político-econômicos nocivos. Em janeiro de 2006, um ataque aéreo americano contra Al-Zawahiri numa região tribal remota no Paquistão errou seu alvo, matando dezoito pessoas. O egípcio logo em seguida publica um vídeo, atestando: “Bush, você sabe onde estou? Estou em meio às massas islâmicas.”³⁵ Olhando em retrospectiva, Al-Zawahiri aparentemente estava equivocado quanto à força da fidelidade dos muçulmanos para com a sua causa.

Embora as perspectivas políticas em muitos países muçulmanos atualmente sejam de tendências moderadas, não se deve esquecer as condições que possibilitaram a criação e ascensão de organizações terroristas islâmicas como a Al-Qaeda, e principalmente que muitas daquelas continuam presentes e latejantes no mundo islâmico. É de extrema relevância o fato de que se dependessem do apoio aos direitos humanos dos principais países ocidentais, hoje o fenômeno social das revoltas árabes não existiria. Elas surgiram dentre as sociedades civis organizadas e é de extrema ironia como as grandes potências ocidentais agora se colocam em favor dos manifestantes. No entanto, não se pode esquecer que, conforme tratado nos capítulos anteriores, as mesmas potências foram os maiores beneficiários da opressão e do descaso promovidos pelos ditadores locais para com as populações de seus países.

³⁵ IBRAHIM, Raymond. *The Al-Qaeda reader*. New York: Doubleday, 2007. p. 228.

Entretanto, de forma alguma deve-se acreditar que a ameaça dos movimentos islâmicos radicais desaparecerá com a queda dos ditadores e a instauração de políticas de bem-estar social. Embora isto certamente conterà muito do ímpeto dos militantes, narrativas extremistas que veem o mundo como uma eterna batalha universal e existencial continuarão a arrebatar fiéis. Para estes casos, não haverá outra alternativa senão o emprego de forças policiais para a proteção da integridade física daqueles que ainda desejam viver no âmbito terreno.

Bibliografia

BURKE, Jason. **Al-Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico**. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GUNARATNA, Rohan. **Inside Al-Qaeda: global network of terror**. New York: Berkley Publishing Group, 2003.

GRAY, John. **Al-Qaeda e o que significa ser moderno**. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRAY, John. **Missa negra: religião apocalíptica e o fim das utopias**. Trad. Clovis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2008.

IBRAHIM, Raymond. **The Al-Qaeda reader**. New York: Doubleday, 2007.

WORLD PUBLIC OPINION. **Public Opinion in the Islamic World on Terrorism, Al Qaeda, and US Policies**, 2009. Disponível em:
<http://www.worldpublicopinion.org/pipa/pdf/feb09/STARTII_Feb09_rpt.pdf>. Acesso em 31/01/2012.

WRIGHT, Lawrence. **O vulto das torres: a Al-Qaeda e o caminho até o 11/9**. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Cia das Letras, 2007.